

Branca Edmée Marques, Primeira Catedrática de Ciências em Portugal – Apontamento Genealógico

>

Raquel Gonçalves-Maia

Branca Edmée Marques, First Full Professor of Sciences in Portugal – Genealogical Note. The core of this article is dedicated to the study of the family of Branca Edmée Marques, the first Full Professor of Sciences at a Portuguese University. Reliable archival collection has allowed us to establish her family tree up to the 4th ancestral generation. The dominant influence of the family's social, cultural and humanistic history, mainly that of her mother and her maternal grandmother, on the character of Professor Branca is highlighted. We also briefly present her student career, her stay at the Institut du Radium in Paris, and the foundation of the Radiochemistry Laboratory, later called Center of Radiochemistry Studies of the Faculty of Sciences of the University of Lisbon.

O cerne deste artigo é dedicado ao estudo da família de Branca Edmée Marques, a primeira Professora Catedrática de Ciências numa Universidade portuguesa. Uma recolha arquivística fidedigna permitiu estabelecer a sua árvore genealógica até à 4.^a geração ancestral. Salienta-se a influência dominante da história social, cultural e humanística, principalmente de sua mãe e de sua avó materna, na tempera da Professora Branca. Apresentamos ainda, resumidamente, o seu percurso estudantil, a estadia no Institut du Radium em Paris e a fundação do Laboratório de Radioquímica, depois Centro de Estudos de Radioquímica da Faculdade de Ciências da Universidade Lisboa.

1. Introdução

Para quem franqueou as portas da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa em 1965, como eu, e desceu os degraus do Anfiteatro de Química a fim de assistir à primeira aula de Química Inorgânica, a primeira aula na universidade, tudo era a consequência lógica e natural da vida académica... e, no entanto, tudo era profundamente singular, extraordinário. Uma professora, uma mulher com a sua bata branca, Branca se chamava, falou de átomos, das partículas que os compunham, das emanações que a sua composição determinava. Branca Edmée Marques (de Sousa Torres) preparava então novas provas que a fariam ascender ao posto de Professora Catedrática, a categoria mais elevada da carreira docente universitária.

Branca Edmée Marques nasceu em Lisboa no dia 14 de abril de 1899. Em 1966, sagrou-se a primeira mulher catedrática numa escola de Ciências em Portugal (Figura 1).

Figura 1 – Branca Edmée Marques.



2. Um percurso extraordinário

É conhecido o percurso estudantil de Branca Edmée Marques: o ensino primário no Colégio Luso-Brasileiro (Travessa das Terras de Santana), o ensino secundário do 1.º ao 5.º ano no Liceu Maria Pia (atual ES Maria Amália Vaz de Carvalho; Rua Rodrigo da Fonseca) e os 6.º e 7.º anos no Liceu Pedro Nunes (ES Pedro Nunes;

Av. Álvares Cabral), sempre em Lisboa. Depois, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (Rua da Escola Politécnica), concluiu a licenciatura em Ciências Físico-Químicas em 1926, com elevada classificação.

Mais conhecido ficou ainda o seu percurso de investigadora e professora universitária e o seu carisma e determinação inigualáveis, através de vários estudos e divulgação que lhe têm sido justamente dedicados. Por ordem cronológica, cito alguns que, por sua vez, outros citam: O artigo “Branca Edmée Marques (1899-1986)” em “Memórias de Professores Cientistas”, por Maria Alzira Almoester Ferreira [1]; a entrevista “Branca Edmée Marques (1899-1986). Primeira Catedrática de Ciências”, em “Feminino ao Sul”, por Ana Luísa Janeira [2]; a dissertação de mestrado “A investigação em Química no Portugal dos anos trinta do Séc. XX – o estudo de caso da Professora Doutora Branca Edmée Marques”, por Maria Margarida Heliodoro [3]; a biografia “Branca Edmée Marques” (*database*), por Maria da Conceição Ruivo e Mateja Filipović-Sandalj [4]; o artigo “Mme Curie e Mme Marques: o encontro de duas pioneiras”, por Maria da Conceição Ruivo [5]; o artigo “A teimosia de Branca que levou à Marie Curie”, em “Estas mulheres cientistas desafiaram o seu tempo a partir de Lisboa. A história de Carolina, Mathilde e Branca”, por Ana da Cunha e Inês Leote [6]; e o artigo “Branca Edmée Marques. A discípula de Madame Curie” em “55 Mulheres Portuguesas que fizeram História”, por Rosa Ruela [7].

Neste contexto, apraz-nos salientar o estudo desenvolvido por Maria Margarida Heliodoro [3], sob a orientação de Augusto Fitas, onde se relatam com pormenor as tentativas frustradas de obtenção de uma bolsa para internacionalização (estágios em França e Reino Unido) de Branca Edmée Marques e a atividade que, finalmente, veio a poder desenvolver no *Institut du Radium*, o famoso laboratório de Marie Curie. Aí se especializou na química dos elementos radioativos, de um ponto de vista teórico, mas também nos tratamentos químicos e métodos de doseamento. O seu estágio, iniciado em 1931 por oito meses, veio a prolongar-se, sucessivamente, até finais de 1935. Várias notas científicas (artigos) do seu trabalho foram apresentadas na *Académie des Sciences* e publicadas nos *Comptes Rendus*.

A investigação que realizou dará ainda origem a uma tese de doutoramento, sugestão da própria Marie Curie, sob o título “*Nouvelles recherches sur le fractionnement des sels de baryum radifère*”. O júri, composto pelos ilustres cientistas Jean Perrin, André-Louis Debierne e Frédéric Joliot-Curie, reunido em junho de 1935, classificam-na de “*Très Honorable*”, a valorização máxima em França. A Professora Branca obtém assim o grau “*Docteur ès Sciences Physiques*” (*Doctorat d'Etat*). A equiparação ao grau de Doutor

em Ciências Físico-Químicas pelas universidades portuguesas foi-lhe conferida em julho de 1936.

Na mira de Branca Edmée Marques, desde cedo definida, estava a possibilidade de inaugurar em Lisboa um “Instituto Radiológico”.

De regresso à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa retoma o seu lugar de Assistente e funda o Laboratório de Radioquímica (1938). Mantém correspondência com Paris, participa em congressos, publica artigos; as regências de ensino teórico e prático “a tempo inteiro”, a orientação de estágios e os recursos de espaço e experimentais não lhe permitem uma intensa investigação científica. Mas o seu exemplo dará frutos.

O Instituto para a Alta Cultura (1952-1976), organismo responsável pela investigação científica em Portugal, cria, em abril de 1953, o Centro de Estudos de Radioquímica (ex-Laboratório de Radioquímica) [3,8], bem equipado, tendo Branca Edmée Marques por diretora científica. Progressivamente, o âmbito das investigações do Centro foi sendo alargado a outros domínios, sempre nas áreas de Física e da Química.

A Professora Branca jubilou-se em 1969, à data exata do seu aniversário, 14 de abril; assim era a lei. Era, então, nossa professora de Química Inorgânica Complementar. Um simples ramo de flores e um cartão, que me couberam entregar e escrever, foram o material da nossa profunda gratidão. O seu exemplo deu frutos.

3. Pais e avós

Com o passar dos anos, a mente transborda de episódios de vida, lembranças vão-se enquanto outras se grudam aos sentidos. Curiosidade...

Porquê Branca, porquê Edmée, porquê Marques? Sousa Torres? Sim, sabemos porquê. O seu casamento com o conceituado “naturalista/geólogo”, como gostava de se auto-intitular, António da Silva e Sousa Torres (1876-1958) deu-lhe os últimos apelidos [9]. António Sousa Torres era bacharel em Filosofia Natural pela Universidade do Porto. Depois da sua passagem profissional pelo Liceu Central do Porto (atual ES Rodrigues de Freitas, Praça de Pedro Nunes) e pelas provas que o nomearam assistente provisório da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, exerceu o cargo de naturalista no Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade do Porto, que tinha sido recentemente criado (1912). A qualidade do seu trabalho, de arquivo e de campo, criou-lhe excelente reputação. Mais tarde, transfere-se para a capital, após concurso público para vaga de naturalista no Museu Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (1919), onde desenvolveu um trabalho notável de organização espacial e científica, que só o incêndio de 1978 veio destruir [10,11].

Branca? Terá sido escolha de sua mãe, Berta Rosa Marques. Edmée admitimos que possa ter sido alvitado por seu pai, o cidadão francês Alexandre Théodore Roux. O apelido Marques advém da família do seu avô materno, Manuel Justiniano Marques.

É a própria Branca Edmée Marques que, em entrevista a Ana Luísa Janeira, nos diz o nome de seu pai, Alexandre Théodore Roux, e que este falecera ia ela pelos oito anos (de facto, 10 anos) [2]. Não foi um pai presente e, pelo que apurámos, nem o terá sido na sua meninice.

Vindo de Paris nos finais do séc. XIX, com um diploma da *École Beaux-Arts Paris*, foi contratado a fim de conceber e gerir, em conjunto com Luís Bonneville, os “Grandes Armazéns do Chiado”, um espaço comercial de enorme amplitude, moderno, acolhedor e de oferta variada, com o esplendor dos belos armazéns de Paris; foram inaugurados em 1894 [12].

Alexandre Théodore Roux nascera em Paris, em 5 de março de 1854, filho de Jean Roux e de Claudine (Jeanne) Derivet, cujas origens se encontram nos departamentos franceses de Savoie e Côte-d’Or [13–15]. Alexandre Roux tinha dois irmãos e os pais eram artífices na área da pastelaria e panificação.

Sousa Viterbo menciona Alexandre Roux numa memória apresentada à “Academia Real das Sciencias de Lisboa”, realçando a “vasta inteligência” e o “respeitável caracter” do “artista pintor-decorador” [16]. Roux casou em Lisboa, em 1903, com uma senhora inglesa de quem tinha uma filha, Aline Jeanne, nascida em 1883 [17]. Veio a falecer em 28 de setembro de 1909 na freguesia das Mercês em Lisboa [18]. Pouco antes de falecer registara a descoberta de uma mina de ferro situada em Asfánil (Rio de Mouro, Sintra). Era seu propósito vir a utilizar os óxidos de ferro hidratados, de tom avermelhado mais ou menos escuro, nas suas pinturas e mesmo explorar o fabrico de pigmentos a nível industrial [19,20], sonho que não concretizou.

Berta Rosa Marques surge como uma figura algo enigmática. A propósito, assim escreveu Ana Luísa Janeira: “Uma mãe que foi capaz de ir para Paris, ficar o dia todo sozinha, vocês imaginam o que seria uma pessoa com dificuldades de comunicação, retirada do seu contexto português, e tudo para que a filha se doutorasse?” [2]. Branca Edmée Marques casara em 1926 [9]. Seu marido, António Sousa Torres, apoia desde sempre o desejo de valorização científica da mulher; mas o olhar social dos tempos recomenda-lhe que ela seja acompanhada pela mãe.

Procurámos conhecer melhor as origens familiares de Branca Edmée Marques, em particular por linha feminina. Fizemos uma pesquisa genealógica consistente, utilizando uma metodologia científica rigorosa.

A veracidade das informações que aqui transmitimos apoia-se em fontes totalmente confiáveis,

documentação fidedigna, por filiação oficialmente reconhecida. O Arquivo Nacional Torre do Tombo foi precioso, em particular os Registos Paroquiais portugueses para genealogia (tombo.pt) e a Rede Portuguesa de Arquivos CRAV (Consulta Real em Ambiente Virtual; crav.arquivos.pt), assim como os *France Archives* (francearchives.gouv.fr) e os *Archives de Paris* (archives.paris.fr), os *Archives départementales de la Savoie* e os *Archives départementales de la Côte d’Or* (patrimoine.savoie.fr/web/dsp_6165/accueil), em particular os *Actes d’état civil* e os *Registres matricules du Recrutement*.

A genealogia identifica as nossas ligações biológicas, estabelece a nossa rede familiar; e, vai mais longe, indicia a nossa história social, cultural, humanística.

Na Figura 2 identificam-se os antepassados de Branca Edmée Marques até à 4.ª geração. Em cada parcela da árvore genealógica encontram-se os nomes de pais e filho/filha ascendente/descendente, assim como lugar e freguesia de casamento/vivência em comum e data de nascimento, em Portugal; nos registos em França refere-se, em paralelo, a comuna e o departamento.

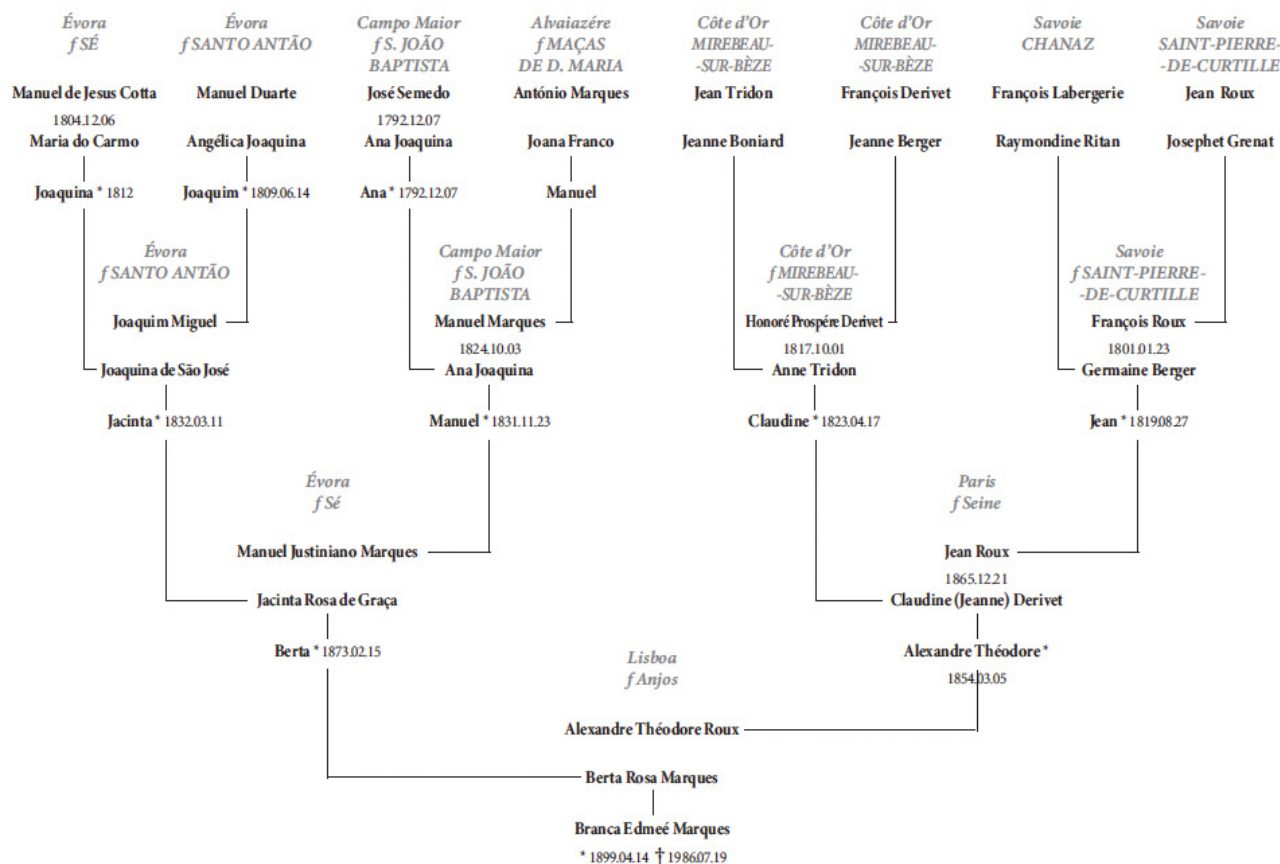
Berta Rosa Marques nasceu em 15 de fevereiro de 1873 em Évora; foi batizada dias depois na paroquial Igreja da Santa Sé pelo Padre Jacinto José Marques, tendo por padrinhos João José da Fonseca e Costa (bacharel em Direito) e sua irmã D. Maria Amália [21]. O assento de perfilhação por sua mãe, Jacinta Rosa da Graça, natural de Évora, na dita Igreja da Santa Sé, vai acontecer mais de sete anos volvidos, em 10 de novembro de 1880 [22]. O reconhecimento de sua filha tivera lugar em escritura pública lavrada no outubro anterior; o pai permanece incógnito.

Uma leitura atenta do registo de batizado de Branca (Edmée Marques), ocorrido em 30 de setembro de 1907, mais de oito anos após o seu nascimento, na Igreja Paroquial dos Anjos, indica ser seu avô materno Manuel Justiniano Marques [23]. No assento imediato pode ler-se sobre o batizado de seu irmão Jorge (Hugo Marques), nascido em 5 de agosto de 1900, com idênticas características.

Manuel Justiniano Marques, natural de Campo Maior, nasceu em 23 de novembro de 1831 [24]. Foi ordenado presbítero em 1854, com uma dispensa de 13 meses de idade, na Capela do Paço de Évora [25]. A sua ocupação paroquial, iniciada em janeiro de 1852, estendeu-se até fevereiro de 1873 (em conjugação com a data do nascimento de Berta), sempre no conselho de Évora [26]. Em 1884 elabora um Testamento Cerrado que será aberto aquando da sua morte, ocorrida em 9 de agosto de 1888 [27].

Tivemos acesso a todos os documentos que citamos, incluindo o Testamento Cerrado do Padre Manuel Justiniano Marques, um verdadeiro símbolo

Figura 2 – Árvore Genealógica de Branca Edmée Marques até à sua 4.ª geração ancestral.



de postura moral e dignidade. Sua filha Berta Rosa Marques e, em menor grau, sua mãe Jacinta Rosa da Graça, que com ele coabitavam, serão suas herdeiras. Um processo judicial complexo e penoso, uma vez que Berta era menor, tinha 15 anos, obrigam a um conselho de família e ao reconhecimento de Jacinta Rosa da Graça “cabeca de casal” [28]. Em 1890, mãe e filha trocam Évora por Lisboa.

Não conseguimos definir exaustivamente o seu percurso na capital. Sabemos, porém, por documentação assinada, que residiam na Rua das Chagas (Freguesia de S. Paulo) em 1894 e na Rua da Penha de França (Freguesia dos Anjos) em 1907. Mais tarde, Berta e os seus filhos, Branca e Jorge, ter-se-ão mudado para residência na zona de Campolide/Campo de Ourique/Estrela.

Quando Branca Edmée Marques manda construir o túmulo que detém o seu nome, no Cemitério dos Prazeres (Figura 3), nele incluiu os restos mortais de sua avó Jacinta Rosa da Graça (óbito em 1918), de sua mãe Berta Rosa Marques (óbito em 1950) e de seu irmão Jorge Hugo Marques, tão precocemente falecido (óbito em 1921). Sem descendência, Branca Edmée Marques doou o túmulo à Santa Casa da Misericórdia, *ad aeternum*, em 1980.

4. O Perfil

Neste apontamento genealógico que efetuámos sobre Branca Edmée Marques ressaltam as figuras femininas da mãe e da avó materna. A vivência de ambas em ambiente, ao tempo, pouco propício ao seu estatuto social, a procura de caminhos alternativos que empreenderam, a vinda para a capital, mais progressista e informal, a elevação pela cultura, os estudos primário, secundário e superior, independentemente do género, terão produzido uma jovem Branca forte, decidida, com previsão de futuro.

Figura 3 - Túmulo de Branca Edmée Marques (pormenores). Cemitério dos Prazeres, Lisboa.



Branca Edmée Marques era uma mulher calma e austera, contida e metódica, de porte reto; afável no trato e de ajuda pronta. Ensinava de forma disciplinada e sistemática, quer se tratasse da forma de pousar as rolhas dos frascos na banca do laboratório, quer na descrição das propriedades dos elementos da Tabela Periódica. Os alunos deveriam vestir a preceito, a instituição tal o justificava e merecia. Professora, alunos e alunas e universidade, todos eram, a seu ver, peças de um desejável progresso.

Após a jubilação, Branca Edmée Marques continuou a sua atividade de investigação no Centro de Química-Física e Radioquímica, que sucedeu ao Centro de Estudos de Radioquímica e englobou novas

unidades de pesquisa. Enviuvava em 1958. Os investigadores, assistentes e técnicos, que laboriosamente desbravavam a Ciência no seu grupo de trabalho, sempre foram família sua.

Diariamente, trocávamos o nosso bom-dia: “Bom-dia, Professora Branca”, “Bom-dia, minha rica”.

Agradecimentos

A autora muito agradece a José Bernardo Maia pela mestria da composição da Figura 2; igualmente agradece aos funcionários da Secretaria do Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, pela amabilidade e profissionalismo com que atenderam os nossos pedidos.

Referências

- [1] M. A. A. M. Ferreira, “Branca Edmée Marques (1899-1986)”, em “Memórias de Professores Cientistas”, Coord. cient. A. Simões, pg. 51-57, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa 1911-2001, **2001**; M. A. A. M. Ferreira, “Torres, Branca Edmée Marques de Sousa – Uma Pioneira da Ciência”, web.archive.org/web/20180119120106/http://memoria.ul.pt/index.php/Torres,_Branca_Edm%C3%A9e_Marques_de_Sousa.
- [2] A. L. Janeiro, “Branca Edmée Marques (1899-1986). Primeira Catedrática de Ciências (Entrevista)”, em “Feminino ao Sul. História e Historiografia da Mulher”, Coord. S. M. Pereira, M. D. Manso e M. Favinha, pg. 75-122, Livros Horizonte, **2008**.
- [3] M. M. N. Heliodoro, “A investigação em Química no Portugal dos anos trinta do Séc. XX – o estudo de caso da Professora Doutora Branca Edmée Marques”, dissertação de Mestrado em Química em Contexto Escolar, Escola de Ciências e Tecnologia, Universidade de Évora, **2012**. hdl.handle.net/10174/15821.
- [4] M. C. Ruivo, M. Filipović-Sandalj, “Branca Edmée Marques” (biografia), em “*She Thought it: Crossing Bodies in Sciences and Art*” (database), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, **2019**. shethoughtit.ilcm.com/biography/branca-edmee-marques.
- [5] M. C. Ruivo, *Gazeta de Física* **2021**, 43, 14-18. sp.f.pt/magazines/GFIS/480/pdf.
- [6] A. Cunha, I. Leote, “A teimosia de Branca que levou à Marie Curie”, em “Estas mulheres cientistas desafiaram o seu tempo a partir de Lisboa. A história de Carolina, Mathilde e Branca”, Mensagem de Lisboa, **2023**. amensagem.pt/2023/03/07/mulheres-desafiaram-tempo-lisboa-ciencia-carolina-mathilde-branca.
- [7] R. Ruela, “Branca Edmée Marques. A discípula de Madame Curie” em “55 Mulheres Portuguesas que fizeram História”, *Visão História* **2023**, 75, 46-47.
- [8] Memória do CTN. ctn.tecnico.ulisboa.pt/memoria/1951-60.htm.
- [9] António da Silva e Sousa Torres e Branca Edmée Marques casaram civilmente na 3.ª Conservatória de Lisboa em 23 de dezembro de 1926 (averbamento ao registo de batismo de Branca Edmée Marques).
- [10] C. F. T. Assunção, “Dr. António da Silva e Sousa Torres (1876 -1958)”. *Boletim do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Lisboa* **1958**, 26, 281-283.
- [11] J. M. Brandão, V. F. Santos, “Torres, António da Silva e Sousa”, *Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa*, pg. 312-314, Coord. M. F. Ferreira, J. O. Monteiro, R. H. Silva, IHA/NOVA FCSH. research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/13106923/dicionario_quemquem_312_314.pdf.
- [12] “Remonta ao século passado essa legenda alfacinha, adotada em 1894 pela Companhia dos Grandes Armazéns do Chiado, que em 20 de novembro se estabeleceu com o capital de cem contos de réis, por iniciativa de Luís Bonneville e Emile Philipot. A gerência coube ao primeiro e a Alexandre Roux, que delegaram em A. Philipot as funções de primeiro empregado.” M. Costa, “O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor, o Convento do Espírito Santo da Pedreira”, em “Olisipo”, *Amigos de Lisboa* **1960**, 89, 37-46. hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/olisipo/1960/N89/N89_master/Olisipo_N89_Jan1960.PDF.
- [13] Roux, Alexandre Théodore, Paris Archives, Acte de Naissance, Prefecture du Département de la Seine, 3ème Arrondissement, 5 Mars 1854.
- [14] Roux et Derivet, Paris Archives, Acte de mariage, 18ème Arrondissement, 1101, 21 Decembre 1865; *Reconnaissance et légitimation de ... Alexandre Théodore né à Paris troisième arrondissement le cinq mars mil huit cent cinquante quatre...*
- [15] Roux, Alexandre Théodore, Paris Archives, Recrutement militaire de la Seine, 1874, Matricule 567 e Matricule 2531, classe de mobilization: 1874.
- [16] Sousa Viterbo, “Notícia de Alguns Pintores Portuguezes e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal”, 3.ª Série, pg. 152, Academia Real das Sciencias, Lisboa, **1911**. resources.warburg.sas.ac.uk/pdf/clh1500b2915060.pdf.
- [17] Alexandre Roux e Mary Ann Payne, Freguesia de Charneca, Lisboa, Registos de casamentos, N.º 1, 17 de março de 1903. digitarq.arquivos.pt/viewer?id=5654345.
- [18] Alexandre Theodore Roux, Freguesia das Mercês, Lisboa, Registos de óbitos, N.º 149, 28 de setembro de 1909. digitarq.arquivos.pt/viewer?id=5932592.
- [19] J. E. C. Moura, J. L. S. Carvalho, “Catálogo das Minas de Ferro do Continente”, ed. Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Tomo 2 (1952). Concessão de mineração N.º 552, registado em 17/05/1912.
- [20] Diário da República, N.º 40, 17 de fevereiro de 1912; passagem de direito do descobridor legal da mina de ferro de Asfamil. files.diariodarepublica.pt/1s/1912/02/04000/06600660.pdf.
- [21] Berta, Freguesia da Sé, Évora, Registos de batismos, N.º 71, 2 de março de 1873. digitarq.adevr.arquivos.pt/viewer?id=1001002.
- [22] Berta, Freguesia da Sé, Évora, Registos de legitimação e reconhecimento, N.º 2, 10 de novembro de 1880. digitarq.adevr.arquivos.pt/viewer?id=1001203.
- [23] Branca, Freguesia dos Anjos, Lisboa, Registos de batismos, N.º 446, 30 de setembro de 1907. digitarq.arquivos.pt/viewer?id=5933042.
- [24] Manuel, Freguesia de São João Batista, Campo Maior, Registos de batismos, pg. 191 vs. (1.º), 29 de novembro de 1831. digitarq.adptg.arquivos.pt/viewer?id=1045985.
- [25] Arquivo Distrital de Évora, Suplemento de idade para se poder ordenar Manuel Justiniano Marques, 20 de fevereiro de 1854. Código de referência: PT/ADEV/FE/DIO-CEEV/A/015/00081.
- [26] Ocupação Paroquial, Manuel Justiniano Marques, CEHR – O Clero Secular. portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/CleroSecular/index.php/RPCC/resultados/5590.
- [27] Arquivo Distrital de Évora, Testamento Cerrado do Padre Manuel Justiniano Marques, 7 de dezembro de 1894. Código de referência: PT/ADEV/AL/ADEV/004/00034/00034.
- [28] Arquivo Distrital de Évora, Auto de juramento da cabeça de casal, em “Processo de inventário orfanológico por óbito de Manuel Justiniano Marques”, 27 de agosto de 1888”. Código de referência: PT/ADEV/JUD/TCEV/A/001/01110.

>

Raquel Gonçalves-Maia

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (Ciências ULisboa).

Professora Catedrática aposentada da FCUL. Desenvolveu atividade de investigação na área da Química-Física, Cinética e Termodinâmica. Dirigiu o Boletim da Sociedade Portuguesa de Química. Foi representante nacional na *Commission on Chemical Kinetics*

da IUPAC. Foi colaboradora regular do “JL – *Jornal de Letras, Artes e Ideias*”. É membro do PEN Clube Português. A Química, a História e a Filosofia das Ciências e a Literatura suscitaram o seu interesse. Tem centenas de artigos e algumas dezenas de livros, contos e romances publicados em Portugal e no Brasil. rmcgonc@gmail.com
ORCID.org/0000-0002-0543-8752